

A EVOLUÇÃO DAS CORES E ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS NAS FACHADAS BRASILEIRAS NO PERÍODO COLONIAL

DINIZ, Mariana Pizzo¹
CARDOSO, Sandra Magda Mattei²

RESUMO

O presente artigo centra seu interesse na Arquitetura Brasileira propondo um recorte temático para o estudo histórico e arquitetônico da evolução do uso das cores e de outros elementos nas fachadas residenciais brasileiras do Período Colonial (século XVI ao XVIII), analisando os aspectos sociais, políticos e estéticos da época, através da representação das cores nas fachadas e de outros elementos arquitetônicos. Propõe a identificação de sua simbologia arquitetônica a partir de uma herança colonizadora e da identidade nativa, por meio da análise da arquitetura portuguesa presente no Brasil e também, da arquitetura indígena, construída e edificada com materiais de origem natural. Além disso, é objeto de estudo e análise o fenômeno social no qual a arquitetura explicita uma posição social, um *status*, pois nesta época, luxuosos ornamentos das fachadas, bem como pinturas e outros tipos de revestimentos transmitiam a riqueza e o poderio das famílias coloniais brasileiras. A arquitetura dos centros urbanos compunha-se basicamente de elementos arquitetônicos portugueses. A cultura de casas construídas essencialmente com tijolos e pintadas com cal branca e, posteriormente, revestidas com azulejos contrastava com as edificações mais simples encontradas nas áreas rurais. Enquanto os centros urbanos importavam as tradições europeias, vilas e povoados do interior mantinham sua identidade nativa, através de construções feitas em pedra, madeira e outros materiais provenientes da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Cores. Elementos Arquitetônicos. Fachadas. Período Colonial Brasileiro.

THE EVOLUTION OF THE COLORS AND OTHER ARCHITECTURAL ELEMENTS ON THE BRAZILIAN FRONTAGES IN THE COLONIAL PERIOD

ABSTRACT

The aim of this article is to focus on the Brazilian Architecture, proposing a side view of the historical and architectural study about the evolution of the use of colors and other elements on the residential frontages during the Brazilian Colonial Period (from century XVI to XVIII), analysing the social, politics and aesthetic aspects of the epoch through the representations of colors and other architectural elements. We propose the identification of the architectural symbology from the point of a colonizing heritage and a native identity, by the analysis of the portuguese architecture presented in Brazil, as well as the indian architecture, constructed and builded with natural resources. Moreover, it is an object of study and analysis the social phenomenon in which the Architecture plays an important position related to a "status", because in that period, luxurious ornaments on the frontages, as well as other kinds of paintings or enduements, used to transmit the richness and power of the families during the Colonial Period. The Architecture in the urban center was basically formed by portuguese elements. The culture of houses built essentially with bricks and painted with white lime and posteriorly endued with tiles, contrasted with the simplicity of the buildings in the country area. Whilst the constructions in the urban centers had a tendency to import the portuguese elements, the country ones kept their native identity, considering the fact that their houses were built using rocks, wood and other nature resource.

KEYWORDS: Colors. Architectural elements. Frontages. Brazilian Colonial Period.

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel, Pr. e-mail: marianadinizzz@hotmail.com

² Docente do Centro Universitário Assis Gurgacz, Orientadora da Pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

O projeto que deu origem a esta pesquisa propôs uma análise social, histórica, arquitetônica e estética do Período Colonial brasileiro, apontando as características referentes às colorações das fachadas residenciais do período, bem como os seus elementos arquitetônicos de maior expressão.

Além disso, também foi objeto de estudo do referido projeto analisar a dualidade entre uma arquitetura nativa, isto é, uma arquitetura de raízes e simbologias brasileiras, e uma herança arquitetônica trazida e implantada pelos povos colonizadores.

Neste contexto, se fez necessário uma abordagem histórica e social para a caracterização e compreensão da simbologia arquitetônica do período, com o intuito de realizar uma análise das influências sociais na estética e na arquitetura colonial e que ora apresentamos neste artigo.

Em contraste, destacamos a tradição portuguesa nas edificações dos centros urbanos, com uma arquitetura europeia trazida pelos colonizadores, opondo-se às características rurais e nativas dos elementos arquitetônicos em vilas e povoados mais afastados das áreas recém-urbanizadas.

Deste modo, o que ora apresentamos se constitui de uma análise do uso das cores e do emprego de elementos arquitetônicos nas fachadas de edificações do Período Colonial, além do estudo dos fenômenos sociais do período, visto que a arquitetura atuou como um indicador de *status*, demonstrando o poderio e a riqueza das famílias coloniais.

2. PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO: UM RECORTE HISTÓRICO E CULTURAL

O Período Colonial brasileiro estende-se entre os séculos XVI e XVIII, mais especificamente entre os anos 1500 e 1808, datas que demarcam, respectivamente, a chegada dos colonizadores portugueses ao continente americano, na região atual de Porto Seguro, no Estado da Bahia, e o ano da chegada da corte portuguesa, liderada por Dom João VI, que tornou a Colônia portuguesa ultramarina em Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves.

Segundo Peixoto (2008, p.73), “o Brasil, de permeio, não tinha gentes industriosas, nem produzia nada”, portanto, os portugueses trouxeram não apenas a vontade e o sentimento de desbravar e usufruir da nova terra, *Brasilis*, mas também a sua cultura, tradição e a arquitetura.

A influência portuguesa, no que se refere à herança arquitetônica, permanece presente no Patrimônio Histórico brasileiro não só nas fachadas dos edifícios, mas também nas cores, materiais e divisões de ambientes, além de todas as demais características e concepções de habitação, conforme a sua destinação (REIS FILHO, 2004).

2.1 A SOCIEDADE E SEUS COSTUMES

A sociedade brasileira, do Período Colonial, era um reflexo da própria estrutura econômica, representando suas tendências e mudanças. As características básicas, para tanto, foram definidas de acordo com a própria estrutura do povo colonizador, os portugueses (PEIXOTO, 2008).

Assim, a região Nordeste brasileira, primeiramente colonizada, era movida pela economia açucareira, e tornou-se uma sociedade essencialmente ruralizada, patriarcal, elitista, escravista e marcada pela imobilidade social (PEIXOTO, 2008).

Ainda, segundo o mesmo autor, além das desigualdades entre povos brancos e negros, a sociedade da época pautava-se por uma postura extremamente patriarcal, na qual o grande senhor de terras conduzia não apenas a economia da região, mas também determinava as relações de sua família, subjugando muitas vezes o poder de escolha de esposas e filhos. Esta estrutura de patriarcalismo é oriunda dos costumes portugueses, no qual o pai da família é o detentor de todas as resoluções. Na obra de Johann Moritz Rugendas (1802-1858), “Danse Lundu” de 1835, mostrada pela Imagem 1, abaixo, pode-se observar a multiplicidade cultural do Período Colonial, e ao mesmo tempo constatar-se a representação de uma sociedade marcada pela desigualdade social, com escravos e servos em um segundo plano da pintura.

Imagem 1 – Danse Lundu (1835) - Rugendas



Fonte: Rugendas (2011)

O conceito de ruralizada, atribuído à sociedade colonial nordestina, acima citada, explica-se pelo fato de que no Período Colonial os centros urbanos eram em proporções muito pequenas em relação ao vasto território brasileiro, no qual havia o predomínio das populações rurais (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2011).

Nas poucas áreas urbanas, precariamente planejadas, localizavam-se edificações institucionais, como igrejas, câmaras, casa da moeda e cadeias, edificações residenciais, além de praças e passeios públicos sendo que, segundo Reis Filho (2004, p.21), “a produção, a economia, a sociedade e a própria arquitetura dos centros urbanos sustentavam-se no trabalho escravo”, característica marcante da cultura colonial da época que resultou numa sociedade injusta, marcada pelas diferenças sociais, pela exploração humana e por uma imposição cultural estrangeira que definiu os séculos seguintes da descoberta do território brasileiro em 1500, influenciando uma arquitetura de status, poderio e demonstração do poder social.

Este aspecto social e cultural da época pode ser visto na Imagem 2, “Costumes dos Ministros e Secretários de Estado”, de 1826, de Jean-Baptiste Debret (1768–1848), demarcando a clara distinção social da época pautada pela subjugação de negros e povos considerados de origem inferior. A mulher negra, ao fundo, recebe pouco destaque se comparada as “damas sociais” em primeiro plano, trazendo à pintura uma função social.

Imagem 2 – Obra “Costumes dos Ministros e Secretários de Estado” (1826) –Debret.



Fonte: Debret (s/d).

2.2 A ARQUITETURA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL

As vilas e cidades coloniais compunham-se por ruas de aspecto uniforme, com edificações residenciais térreas e sobrados construídos sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos lotes urbanos.

Em relação às fachadas dos edifícios do Período Colonial, estas possuíam um aspecto simplório, dada a situação da mão de obra escrava, meramente consciente dos métodos construtivos portugueses, e também pela dificuldade de aquisição de materiais nobres, importados da Europa (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2011).

Enquanto as edificações urbanas apresentavam fachadas coloridas e com alguns elementos decorativos e materiais importados, as edificações rurais eram construídas a partir das práticas

nativas e utilizavam materiais naturais como madeiras, pedras e argila para a composição de telhas e tijolos (REIS FILHO, 2004). Na imagem 3 apresenta-se um belo exemplo de edificação rural colonial, denominada Fazenda Quati, localizada no município de Pompéu, em Minas Gerais.

Imagem 3 – Fazenda Quati – Pompéu, MG.



Fonte: Prefeitura de Pompéu, MG. (2015).

De acordo com Reis Filho (2004), os colonizadores portugueses aproveitaram as tendências urbanísticas de seu país de origem, adaptando-as às novas necessidades do território brasileiro. Nas edificações urbanas, não havia jardins frontais, pois estas eram construídas sobre o alinhamento predial. Sobrados e casas apresentavam uma fachada simples, porém os estilos urbanos e rurais eram drasticamente diferentes, como o exemplo apresentado na Imagem 4, de uma edificação urbana de Paraty, no Rio de Janeiro.

Imagem 4 – Edificação Urbana do Período Colonial em Paraty, RJ.



Fonte: Prefeitura de Paraty, RJ. (2010).

Conforme apontam Seriacopi e Azevedo (2005), Montezuma (2002), as edificações no Período Colonial, eram representações físicas de mensuração do poderio e da riqueza de uma pessoa ou família e, com o ciclo do ouro, Minas Gerais tornou-se a região mais rica e abastada de todo o território brasileiro.

Por volta de 1780 floresceu no país o estilo Barroco, oriundo das tendências europeias e, a partir daí, segundo Seriacopi e Azevedo (2005), a riqueza dos ambientes, a nobreza dos adornos e

os elementos nas fachadas foram se sobrepondo nas construções das famílias com posses mais elevadas e segregando ainda mais uma sociedade já dividida e desigual.

Desta maneira, apesar de ainda empregarem métodos construtivos simples, as edificações do Período Colonial são representações do status social de uma sociedade estratificada, sob a exploração da mão de obra escrava. Até o período onde as relações entre Portugal e Brasil se estreitaram, o Brasil não conheceu grandes avanços culturais e arquitetônicos. No entanto, com a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, novas tecnologias, novas tendências e construções mais refinadas chegaram ao país (REIS FILHO, 2004).

3 A ARQUITETURA DOS EDIFÍCIOS COLONIAIS

Considerando o que afirma Reis Filho (2004, p.34), tem-se a seguinte definição sobre a arquitetura e a organização urbana do Período Colonial “[...] os primeiros anos do século anterior à independência, pertencendo ainda ao Período Colonial, não corresponderam grandes modificações do processo de estudo, repetindo-se geralmente os esquemas urbanísticos e arquitetônicos coloniais de origem ibérica, com discretas modificações”.

A vida social na colônia brasileira girava em torno da fé cristã, de modo que as edificações religiosas são elementos de base para o estudo da arquitetura colonial, pois erigidas em forma de templos únicos ou construídos na forma de colégios, os edifícios religiosos congregavam a arquitetura e a organização urbana (MONTEZUMA, 2002).

Um exemplo das edificações religiosas pode ser observado na Imagem 5, abaixo, que trata das Edificações Religiosas na Zona Sul de São Paulo, no Período Colonial. O nascente povoado paulista, aqui retratado, jamais poderia ser comparado à metrópole global que hoje se expandiu por uma extensa área.

Imagem 5 - Edificações Religiosas na Zona Sul de São Paulo.



Fonte: Torrão Filho (2003).

3.1 A ARQUITETURA URBANA

Durante todo o Período Colonial não houve variações dos modelos das cidades fundadas pelos colonizadores portugueses, e uma característica marcante da arquitetura colonial é a presença de espaços cheios e vazios nas fachadas, além de elementos básicos como porta (sempre frontal) e duas janelas e, muito embora houvesse casas maiores e menores, em todas elas prevalecia à métrica e os espaçamentos entre as aberturas.

As diferenças sociais das famílias eram percebidas fortemente na arquitetura através das fachadas, pois detalhes presentes nos beirais era uma forma bem clara de mostrar o poderio das famílias, conforme pode-se observar na Imagem 6 que retrata o Esboço da Fachada de Casarão Colonial, localizado na cidade de Paraty, Rio de Janeiro. O sobrado, com características das construções Ibéricas, apresentava, invariavelmente, um ritmo e métrica de suas aberturas, o que conferia à obra harmonia e um estilo próprio.

Imagem 6 - Esboço da Fachada de Casarão Colonial



Fonte: Riestra (2011).

Quanto à pintura, esta era clássica na cultura portuguesa, a edificação era recoberta por cal tornando-a branca, enquanto que as esquadrias formadas pelas portas e janelas, além de outros elementos arquitetônicos como pingadeiras, beirais e formas estéticas das fachadas, recebiam uma coloração marcante, feita com pigmentos naturais, conforme descreve Reis Filho (2004).

Os corantes mais comuns, aponta o referido autor, misturados a colas naturais, eram o anil ou índigo, também conhecidos por indigueiro ou leguminoso, que se apresenta na cor azul, o sangue de dragão e o urucum, na cor vermelha, o açafrão, como pigmento na cor amarela, a braúna de cor preta, o ipê e a cochonilha originando a cor rosa.

Nas fachadas dos edifícios coloniais em centros urbanos, isto é pequenas vilas em formação no litoral do recém-descoberto território, descrevem Veríssimo e Bittar (1999), que as casas e edificações eram construídas e decoradas respeitando os hábitos da época, com telhados de quatro

águas, esquadrias quadriculadas com vidros para fora e varandas sustentadas por roliças vigas de madeira nativa.

A Imagem 7 mostra uma Típica casa de elite construída no período colonial, em Pirenópolis – GO, com seu telhado de quatro águas, vidros nas janelas e esquadrias quadriculadas e sua invariável métrica de aberturas, esquadrias coloridas e paredes brancas.

Imagem 7 - Típica casa de elite do período colonial, em Pirenópolis – GO,



Fonte: Rosa (2010).

3.2 A ARQUITETURA RURAL

Considerando os aspectos da colonização brasileira, observa-se que a função das áreas rurais era a extração do pau-brasil ou a plantação e o cultivo da cana de açúcar, uma especiaria de alto valor na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII (MONTEZUMA, 2002).

O referido autor afirma que os assentamentos rurais disseminaram-se por todo o litoral brasileiro, desde São Paulo até o Nordeste. De acordo com as obras retratadas pelos pintores Holandeses, uma das fontes de análise do Período Colonial, os portugueses eram, em geral pouco curiosos com relação as suas casas, residindo em casas de barro, simples, com esquadrias em madeira crua (MONTEZUMA, 2002).

Na Imagem 8, abaixo, “Paisagem das Vizinhanças de Pernambuco”. 1669, do pintor holandês Franz Post (1612-1680), retrata uma típica construção rural colonial na região Nordeste do Brasil, construída com materiais naturais.

Imagem 8 – Obra “Paisagem das Vizinhanças de Pernambuco”. (1669) - Post



Fonte: Post (2014).

As primeiras edificações da área rural localizavam-se próximas a rios, pois considerando a atividade produtiva da época, os engenhos de açúcar precisavam da energia hidráulica fornecida pela água dos rios.

De acordo com Montezuma (2002), as casas de engenho nos séculos XVI e XVII lembravam a estrutura das casas rurais do norte de Portugal, compactas, com dois pavimentos, um alpendre entalado e desenvolvendo-se ao longo da fachada principal. A coloração das casas continuava sendo feita com cal branco e tinturas naturais.

Já em relação às edificações rurais das classes abastadas as construções obedeciam ao padrão da arquitetura residencial urbana mais modesta, porém o seu interior exaltava as qualidades luxuosas das cortes. Na Imagem 9 a Fazenda do Secretário, no Município de Vassouras, Rio de Janeiro, construída no início do século XIX, por Laureano Correa e Castro, o Barão de Campo Belo é um bom exemplo da luxuosidade do interior das residências que se estenderá para além do Período Colonial.

Imagem 9 - Fazenda do Secretário – Vassouras, RJ.



Fonte: INEPAC - Rio de Janeiro (2015).

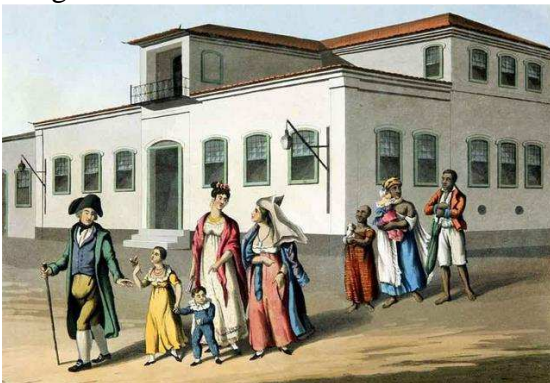
4 A HERANÇA COLONIZADORA E O CONTRAPONTO DA CULTURA NATIVA: MISCIGENAÇÃO OU ENCULTURAÇÃO

A arquitetura civil, assim como a família brasileira são redutos de uma miscigenação branca, indígena e africana, desde seu princípio.

Nos traços arquitetônicos do Brasil Colônia predomina o estilo português, tanto no método construtivo com paredes grossas de tijolo e aberturas regulares, quanto nas fachadas e colorações dos edifícios. Como os povos colonizadores consideravam-se culturalmente superiores com relação às tradições indígenas, nos conceitos arquitetônicos ocorreu a mesma demarcação (CZAJKOWSKI e SENDRYK, 2000).

Na Gravura do pintor holandês Henry Chamberlain, “Uma família brasileira”, de 1819, apresentada na Imagem 10, mostra a vida cotidiana nos centros urbanos coloniais. Na imagem, em primeiro plano observa-se a família colonizadora portuguesa com seus agregados. Em um plano intermediário, os escravos africanos sustentando os privilégios e regalias portuguesas durante o Período Colonial. E ao fundo, observamos o típico sobrado construído neste período.

Imagem 10 – Obra “Uma família brasileira” – (1819) - Chamberlain



Fonte: Chamberlain (2012).

Segundo Mendes, Veríssimo e Bittar (2011), com a transferência das famílias portuguesas para o Brasil, a chegada da mão de obra escrava africana e a cultura nativa dos povos indígenas o Brasil tornou-se um país continente com imensa riqueza cultural, pois ao chegarem os colonizadores portugueses encontraram aqui o habitante da terra, o índio, do qual incorporaram as tradições, costumes, hábitos alimentares e construtivos. O africano, por sua vez, trouxe a força de trabalho e seu arsenal de conhecimentos religiosos e místicos.

4.1 ARQUITETURA COLONIAL: UMA HERANÇA ULTRAMARINA

É irrefutável a influência portuguesa na arquitetura brasileira, pois durante o Período Colonial, o Brasil assistiu a uma transferência dos costumes e tradições dos colonizadores, adaptando-as as novas condições do país.

Não foi apenas quesitos literários, religiosos, sociais e econômicos trazidos à colônia portuguesa ultramarina, a arquitetura brasileira do Período Colonial entre os anos de 1500 e 1808 é essencialmente ibérica.

Para Reis Filho (2004), os primeiros séculos anteriores à Independência do Brasil em 1822, isto é, durante o Período Colonial, repetiram-se geralmente os esquemas urbanísticos e arquitetônicos ibéricos, com modestas modificações.

Um exemplo dessa permanência pode ser visto na Imagem 11, da Vista frontal da igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, em Pirenópolis, no Estado de Goiás, edifício tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), construída em 1728, de acordo com o estilo arquitetônico colonial brasileiro.

Imagem 11 - Vista frontal da igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário- Pirenópolis- GO



Fonte: Rosa (2010).

Observa-se, portanto, que os elementos das fachadas das edificações colônias permanecem similares às suas origens portuguesas. As adaptações de materiais e modelos construtivos foram necessárias, pois as condições físicas e os materiais eram diferentes dos encontradas no território europeu. No entanto, as origens arquitetônicas permanecem até hoje nos edifícios coloniais do patrimônio histórico e artístico brasileiro, como pode ser observado na Imagem 12, o Centro Histórico de Vila Boa de Goiás, Estado de Goiás, representa a típica rua com residências em estilo português, considerando a coloração das fachadas, a organização estética e os elementos arquitetônicos dispostos.

Imagem 12 - Centro Histórico de Vila Boa de Goiás - GO



Fonte: Governo de Goiás (2012).

4.2 A HERANÇA DOS AZULEJOS PORTUGUESES

A cultura da azulejaria, segundo Alcântara (1997), teve início no Brasil durante o período administrativo do Governo Geral (1549-1640), sob o comando de Tomé de Souza. Junto da comitiva portuguesa que se estabeleceu no Brasil com intuito colonizador, muitos artesãos e artistas portugueses trouxeram seus conhecimentos estéticos e as técnicas desenvolvidas no continente europeu.

Neste período da história brasileira, tanto a arquitetura, a vida política e social quanto à organização dos vilarejos eram delimitados pelo viés religioso. Surgem conventos, casas de catequeses, igrejas paroquiais e outras edificações e para a sua elaboração são trazidos da Europa mármore, azulejos, adornos e outros utensílios religiosos.

Ainda, segundo Alcântara (2001), são nestas primeiras edificações em solo brasileiro que o uso de azulejos decorativos adquire um caráter indispensável na arquitetura do período. Encomendados e importados de Portugal, estas peças de azulejo formavam inúmeras composições, desde mosaicos nos pisos e paredes até fachadas.

No entanto, como afirma Simões (1959), apenas no século XVII é que o azulejo passou a ser utilizado como elemento arquitetônico nas fachadas das edificações em terras brasileiras.

Após atravessar o Oceano Atlântico, visto que não existia uma produção local do mesmo, muitos edifícios, principalmente na região Nordeste do país e no Rio de Janeiro eram revestidos

externamente, garantindo a presença da herança portuguesa em terras brasileiras. Nesse período torna-se comum a utilização de azulejos, também, em igrejas e locais religiosos brasileiros.

Na Imagem 13, observamos a aplicação da técnica de azulejos na fachada do Convento de São Francisco, localizado em Salvador, Bahia. Foi edificado entre os séculos XVII e XVIII, com uso de azulejos na fachada, demonstrando a fácil montagem e versatilidade deste material.

Imagem 13 - Convento de São Francisco – Salvador- Bahia



Fonte: Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil (2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo, como resultado da pesquisa bibliográfica e iconográfica centrou-se na Arquitetura Brasileira propondo um recorte temático para o estudo histórico e arquitetônico da evolução do uso das cores e de outros elementos nas fachadas residenciais brasileiras do Período Colonial (século XVI ao XVIII), analisando os aspectos sociais, políticos e estéticos da época, através da representação das cores nas fachadas e de outros elementos arquitetônicos.

Propusemos a identificação de sua simbologia arquitetônica a partir de uma herança colonizadora e da identidade nativa, e que foi possível constatar por meio da análise da arquitetura portuguesa presente no Brasil e, também, da arquitetura indígena, construída e edificada com materiais de origem natural. Além disso, foi objeto de estudo e análise o fenômeno social no qual a arquitetura explicita uma posição social, um *status*, pois nesta época, luxuosos ornamentos das fachadas, bem como pinturas e outros tipos de revestimentos eram indicadores da riqueza e do poderio das famílias coloniais brasileiras.

Concluimos que a arquitetura dos centros urbanos compunha-se, basicamente, de elementos arquitetônicos portugueses. A cultura de casas construídas essencialmente com tijolos e pintadas com cal branca contrastava com as edificações mais simples encontradas nas áreas rurais.

Também identificamos que as cores e os diversos elementos arquitetônicos usados nas construções das fachadas dos edifícios coloniais estavam diretamente ligadas ao *status* social e financeiro das famílias. Quanto mais abastada a família mais esmerada era a fachada da residência, mesmo que mantivesse o mesmo padrão construtivo da época.

Assim, enquanto os centros urbanos importavam as tradições europeias, vilas e povoados do interior mantinham sua identidade nativa, através de construções feitas em pedra, madeira e outros materiais provenientes da natureza.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTRA, Dora (org.). **Azulejos na cultura luso-brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, IPHAN, 1997.

Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Wwp48uQ2FYkC&pg=PA211&lpg=PA211&dq=Azulejos+na+cultura+luso-brasileira+ALC%C3%82NTARA,+Dora+IPHAN,+1997&source=bl&ots=Pk4UD-KxuK&sig=QLd9gXYorgh35T94xTW0wA1T6HE&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj36vnAz4DNAhUKFpAKHSQEAJoQ6AEIHzAA#v=onepage&q=Azulejos%20na%20cultura%20luso-brasileira%20ALC%C3%82NTARA%2C%20Dora%20IPHAN%2C%201997&f=false>>. Acesso em: outubro, 2015.

_____. Azulejo, documento de nossa cultura. In: DIAS, Maria Cristina Vereza Lodi (org). **Patrimônio Azulejar Brasileiro: aspectos históricos e de conservação**. Brasília: MONUMENTA/Ministério da Cultura, 2001.

CZAJKOWSKI, Jorge. SENDRYK, Fernando. **Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MONTEZUMA, Roberto (Org.). **Arquitetura no Brasil 500 anos: uma invenção recíproca**. Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 2002.

PEIXOTO, Julio Afrânio. **História do Brasil**. 2.ed., Fonte digital. Digitalização da 2. ed. em papel, Biblioteca do Espírito Moderno, Série 33, História e Biografia. Cia. Editora Nacional – 1944. Transcrição para eBook, São Paulo: eBooks Brasil, 2008.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 10.ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

SERIACOPI, Reinaldo; AZEVEDO, Gislaíne. **História**. Série Brasil. São Paulo: Ática, 2005.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. Azulejaria no Brasil – Comunicação destinada ao Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, na Bahia, 1959. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n.14, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=2527&pesq=>>>. Acesso em novembro de 2015.

TORRÃO FILHO, Amilcar. Imagens de pitoresca confusão: a cidade colonial na América Portuguesa. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 57, p. 50-67, março/maio 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33833/36566>>. Acesso em: dezembro de 2015.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil: Transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

DOCUMENTOS ICONOGRÁFICAS

RUGENDAS, Johann Moritz. **Danse Lundu**. 1835. Publicada em 23/04/11. Domínio Público. Litografia a cores sobre papel. 22x27,5cm. Disponível em: <<http://pinturapitoresca.blogspot.com.br/2011/04/rugendas-johann-moritz-danse-landu.html>>. Acesso em novembro/2015.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Costumes dos Ministros e Secretários de Estado**. 1826 (s/d). Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/biografias/jean_debret.htm>. Aquarela.

PREFEITURA DE POMPÉU. **Fazenda Quati**. Pompéu, Minas Gerais. 2015. Patrimônio e História do Município de Pompéu. Disponível em: <<http://www.pompeu.mg.gov.br/2015/conheca-a-cidade/>>. Acesso em: outubro/2015. Fotografia.

PREFEITURA DE PARATY. **Edificação Urbana do Período Colonial em Paraty**, R.J. 2010. Paraty: arco-íris nas janelas. Disponível em: <<http://www.fragatasurprise.com/2010/10/arco-iris-nas-janelas-imagens-de-paraty.html>>. Acesso em: outubro de 2015. Fotografia.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **Imagem de Edificações Religiosas na Zona Sul de São Paulo**. Manuscrito original da Coleção Dr. João Moreira Garcez (1821). In: TORRÃO FILHO, Amilcar. Imagens de pitoresca confusão: a cidade colonial na América Portuguesa. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 57, p. 50-67, março/maio 2003. p. 50-67. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33833/36566>>. Acesso em: dez/2015. Gravura.

RIESTRA, Pablo de la. **Esboço de Casarão Colonial**. 21/07/2011. Texto de Luíza Costa. In: Caderno de Viagem – Paraty. Disponível em <<http://www.bamboonet.com.br/posts/livro-de-desenhos-revela-arquitetura-colonial-de-paraty>>. Acesso em setembro de 2015. Fotografia.

ROSA, João Henrique. **Típica casa de elite construída no período colonial**, em Pirenópolis, Goiás. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=2815&with_photo_id=44390381&order=date_desc&user=574620>. Acesso em: setembro 2015. Fotografia.

POST, Franz. **Paisagens das Vizinhanças de Pernambuco**. 1669. Disponível em: <http://act14-anjoivida.blogspot.com.br/2014_02_01_archive.html>. Acesso em: outubro de 2015. Pintura em tela.

CHAMBERLAIN, Henry. **“Uma Família Brasileira”**. 1819. Disponível em: <http://act14-anjoivida.blogspot.com.br/2012_03_01_archive.html>. Acesso em Outubro de 2015. Gravura.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL (INEPAC). RIO DE JANEIRO. **FAZENDA DO SECRETÁRIO**. Século XIX. 2015. Disponível em: <<http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/home/inventario/>>. Acesso em: novembro de 2015. Fotografia.

ROSA, João Henrique. **Vista frontal da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário** - Pirenópolis – GO. 2010. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/44390391>>. Acesso em: outubro de 2015. Fotografia.

GOVERNO DE GOIÁS. **Centro Histórico de Vila Boa de Goiás**, Estado de Goiás. 2012. Disponível em: <http://www.goiasgo.com.br/historia_de_goias.html#.V0nQ-NQrLUI>. Acesso em: outubro de 2015. Fotografia.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE SANTO ANTÔNIO DO BRASIL. **Convento de São Francisco**. Salvador, Bahia. Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.ofmsantoantonio.org/?page_id=539>. Acesso em: outubro de 2015.